



No Brasil as ciências e boas letras estão por terra, tudo o que interessa é vender açúcar, café, algodão, arroz e tabaco. Que diferença a este respeito entre as cidades do Brasil e a do México, Havana, Lima, Santa Fé, Quito, Popayán e Caracas. Só a cidade do México tem a Escola de Minas, a Academia das nobres artes, o Jardim das Plantas, a Universidade, uma gazeta de literatura.”

Este trecho recortado de *Projetos para o Brasil*, de José Bonifácio de Andrada e Silva, o grande mentor da Independência brasileira, serve para ilustrar muito bem o modo como a ciência e as artes eram (e ainda são) tratadas neste país. Nascido em Santos, Bonifácio era naturalista formado na Europa e cujos contatos se estendiam de Humboldt a Lavoisier, portanto, sabia muito bem do que estava falando. Também foi um ambientalista e abolicionista ferrenho. Defensor da reforma agrária. Como homem de letras, vislumbrou as aproximações contemporâneas entre arte e ciência. É dele a famosa e atualíssima afirmação de que “no Brasil a virtude, quando existe, é heroica, porque tem que lutar com a opinião e o governo”. Quando pensamos neste atual (des)governo que ora termina e no quanto de nocivo engendrou em relação às artes, à ciência e à universidade, sem falar do meio ambiente, a memória desse estadista do Império se torna ainda mais oportuna.

A ciência que se produz hoje no Brasil é fruto exclusivo do empenho da universidade, da dinâmica que se estabelece dentro e em torno dela. Nesse sentido, este número que encerra as comemorações do Bicentenário da Independência, sobre “Ciência e Tecnologia”, de certa forma é um tributo à universidade, a toda a comunidade de pesquisadores que ainda ousam estoicamente fazer ciência neste país. Como afirmou Glauco Arbix, professor do Departamento de Sociologia da FFLCH/USP e organizador do dossiê, “a crise que sacudiu o planeta explicitou a ciência como atividade marcadamente humana e entrelaçada com a vida social, e não como um corpo inteligente à parte, com estatuto diferenciado e exterior à sociedade”. A ciência, portanto, pertence a todos nós. E que assim seja pelos próximos 200 anos.

**Jurandir Renovato**